



## ENSINO DE LÍNGUAS INDÍGENAS, GRAMÁTICA E CURRÍCULO

Antonio Almir Silva Gomes (PPGLET/UNIFAP) – [almir@unifap.br](mailto:almir@unifap.br)  
GT 10: Ensino, Currículo e Organização Escolar

### Resumo:

A Educação Escolar Indígena brasileira tem construído diariamente seu grande momento, no qual protagonismos e altivez de todos os envolvidos no processo são cada vez mais evidentes; cada vez mais professores indígenas adentram aos programas de pós-graduação brasileiros, cujos resultados de suas pesquisas se farão sentir na melhoria das ações e dos instrumentos de ensino disponíveis nas escolas indígenas. No caso do ensino das línguas indígenas, tais avanços devem ser sentidos na ampliação e na diversidade dos instrumentos e materiais didáticos acerca da gramática da própria língua, tomada aqui como ponto de partida do processo. Com isso em mente, o presente Relato de Experiência trata de um conjunto de ações vivenciado na produção da Gramática Concisa Kheuól Galibi-Marworno realizada por professores que atuam na escola da população de mesmo nome. A existência de instrumentos dessa natureza na escola indígena é necessidade aqui considerada como anterior à própria construção do currículo de ensino.

**Palavras-chave:** Língua indígena. Gramática. Ensino. Currículo.

### 1 Introdução

A realidade nacional representativa do Ensino de Línguas em Contexto Indígena (ELCIND) implica diversidade de cenários relacionados à presença e ao papel / função social das línguas envolvidas, sejam o Português Brasileiro (PB) ou uma língua estrangeira, sejam as aproximadamente 150 distintas línguas indígenas faladas atualmente em solo brasileiro (MOORE; GALUCIO; GABAS-JR, 2008). Há cenários em que essas línguas indígenas são adquiridas como línguas maternas, mas também há cenários em que o status de língua materna é atribuído ao PB. Em meio a estes dois cenários materializa-se uma diversidade de outros nos quais tais línguas envolvem-se em relações de poder, de prestígio, de estigmatização, de identidades. Essa diversidade inerente à Educação Escolar Indígena (EEI) compartilha uma realidade: oferta ainda reduzida de fontes de informações e materiais didáticos sobre as línguas indígenas que chegam à sala de aula de formato de disciplina. Embora crescente a produção destas fontes e materiais em todo o território nacional, comumente ainda ouvimos relatos de diferentes atores envolvidos no ensino de línguas indígenas que apontam para tal realidade.

No contexto do Estado do Amapá e Norte do Pará, onde vivem as populações indígenas Karipuna, Galibi-Marworno, Galibi-Kalinã e Palikur (região do município de Oiapoque), Wajãpi (região do município de Pedra Branca do Amapari), Apalai, Tiriyo, Wajana, Kaxuyana, Xikiyana e Akuriyo (Complexo do Tumucumaque), a reduzida oferta gera demanda pela ampliação de fontes de informações e materiais didáticos disponíveis às escolas indígenas. Ciente dessa realidade local, realizamos nos meses de janeiro de 2019 e de 2020 nas dependências do Campus Binacional da Universidade Federal do Amapá situado no município de Oiapoque, com escopo na produção de uma Gramática Concisa Kheuól Galibi-Marworno, duas oficinas com professores Galibi-Marworno que vivem na comunidade Kumarumã, Terra Indígena Uaçá, cuja experiência relatamos aqui.

## **2 Oficinas de Produção da Gramática Concisa Kheuól Galibi-Marworno e sua relação com o Currículo Escolar**

As duas oficinas, com duração de quinze dias cada uma, foram realizadas num conjunto de procedimentos de pesquisas-ação do projeto Processos Linguísticos de Ensino e de Aprendizagem em Contextos de Educação Escolar Intercultural Indígena que coordenei e executei com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 2016, Processo n. 424117/2016/9) e participação ativa dos professores Jaciara Santos da Silva, João Alexandre Bertiliano Charles, Milton Galibis Nunes, Cristiano Florencio, Célia dos Santos Charles, Eldina Figueiredo Narciso, Luis Policarpo, Maria Atilda Nunes, Lucilena dos Santos Ferreira, Elielson Nunes Charles, Nordevaldo dos Santos que atuam na Escola Indígena Estadual Camilo Narciso. Serviu-nos de instrumento o questionário previamente às oficinas produzido com base no Questionário de Estudos Descritivos de Línguas (The Lingua Descriptive Studies Questionnaire) desenvolvido por Comrie e Smith (1977) e disponibilizado pelo Departamento de Linguística do Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology<sup>1</sup>. As informações pretendidas foram organizadas em quatro partes distintas: Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Texto. O tratamento de cada uma delas foi precedido de discussões linguísticas com fim a permitir aos professores participantes da Oficina pensar os fenômenos desejados em sua língua. Antecederam a esse conjunto das discussões, discussões acerca do papel, da função, do lugar, dos significados da língua no

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/questionnaire/lingua-descriptive\\_description.php](https://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/questionnaire/lingua-descriptive_description.php)

contexto da escola e da própria comunidade. Em meio a isso, a consciência das relações de poder, de prestígio, de estigmatização, de identidades instauradas na / pela língua.

As discussões realizadas a partir do questionário sobre Fonética e Fonologia da língua Kheuól Galibi-Marworno buscaram saber, por exemplo, a quantidade de fonemas consonantais e vocálicos, a natureza simples ou complexa, oral ou nasal destes fonemas, bem como sua distribuição e organização na sílaba, a divisão silábica. Buscaram saber ainda sobre a acentuação da sílaba em termos de tonicidade e de acento ortográfico. Os tipos de palavras conforme acento e a quantidade de sílabas. No que tange às discussões realizadas acerca Morfologia, buscamos saber sobre a organização interna da palavra e sua distribuição em classes de palavras. As discussões relacionadas à Sintaxe partiram da noção de transitividade com o fim de sabermos sobre a organização das funções sintáticas da língua, bem como da ordem destas na sentença. Buscamos compreender sobre o comportamento da sentença simples e da sentença complexa. No caso da sentença simples (Período Simples), além da classificação dos argumentos a partir de sua função sintática (sujeito, predicado, objeto), a possibilidade de movimentos e de apagamento de constituintes. No caso das sentenças complexas (Período Composto), buscamos saber sobre tipologias de orações coordenadas e de orações subordinadas; tipologias possíveis de serem empregadas na língua em virtude de sua relação genética com línguas crioulas de base francesa, onde tais tipologias também são identificadas.

As discussões sobre texto foram construídas a fim de dar conta de noções gerais de tipos e tipologias textuais, bem como de produção e de interpretação. Nessa fase da Oficina, as discussões acerca de Texto Kheuól Galibi-Marworno buscaram saber, por exemplo, sobre distinções e interseções entre texto falado e texto escrito, entre estes e textos não verbais. As qualidades relativas a cada um destes tipos, a existência de modalidades formais e informais de textos. Nesse sentido, discutimos sobre noções de certo e errado, de desejável, esperável. Buscamos a entendimentos acerca do lugar, da função e da motivação para o ensino do texto em suas diferentes modalidades. A pergunta para quê cada uma dessas modalidades permeou nossas discussões. Na sequência, discutimos sobre tipologias e gêneros textuais, sobre os textos sagrados, textos procedurais e documentos selecionados conforme seus usos recorrentes na comunidade. No conjunto das discussões, sempre, a atenção à escolha do texto e de seu conteúdo.

Ao final da segunda Oficina, criamos a expectativa da sequência da pesquisa-ação em uma terceira Oficina, quando iniciaríamos fases de correção da gramática e de discussões acerca de sua presença no currículo como instrumento auxiliar nas ações de

ensinar a língua Kheuól Galibi-Marworno. Isso ainda não foi possível em virtude da pandemia que nos assola. Uma vez que consigamos atender às nossas expectativas no período pós-pandemia, dentre tantos outros ganhos qualitativos voltados ao ensino será possível pensar de maneira mais efetiva, por exemplo, o próprio currículo desta disciplina. A esse tempo, certamente, a concepção que nos guiará será a de que a gramática da língua em seus aspectos estruturais e metalinguísticos constitui-se ponto de partida para o reconhecimento e valorização da língua, ponto de encontro das histórias, do tempo, dos lugares, do próprio ser; logo, acreditamos não ser possível pensar e discutir currículo de ensino de língua indígena na EEI sem que haja instrumentos que subsidiem cada uma destas ações; a gramática é certamente um desses instrumentos, diríamos, ponto de partida, por onde perpassam as mesmas histórias, tempo, lugares, o próprio ser (indivíduo social, aprendiz). Em outros termos, consideramos que discussões acerca de currículos de ensino de línguas indígenas apenas tornar-se-ão frutíferas quando dispuserem de instrumentos auxiliares, sendo a gramática da língua um deles.

### 3 Considerações finais

A motivação para as duas oficinas relatadas foi a compreensão da necessidade de fontes de informações e materiais didáticos sobre a língua Kheuól Galibi-Marworno para efeitos de ensino, bem como a certeza de que tal necessidade precede discussões de qualquer natureza. Como efeito da realização das mesmas, para além das discussões em si, a altivez causada pela certeza de um material produzido pelos próprios professores. Quando finalizado, os professores terão instrumento que os permitirá pensar cada conteúdo, cada etapa, cada objetivo, cada metodologia, cada processo capaz de potencializar positivamente ao ensino da própria língua. É preciso discutir o currículo do ensino de línguas das escolas indígenas. Antes, porém, é preciso haver gramáticas das mesmas línguas.

### Referências

MOORE, D; GALUCIO, A. V; GABAS JÚNIOR, N. O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas. **Revista Scientific American Brasil** (Edição Especial), v.3, pp. 36-43, 2008.